

A guerra dos miseráveis: 7.500 brancos rotos contra 2 mil caingangues esfarrapados. Os brancos, "usados" às vezes por gente influente, desde 1940 vêm invadindo as terras indígenas (já foram 35 mil hectares, hoje reduzidos a 4 mil!). Os índios não agüentam mais. E ninguém estava tão perto quanto nossos repórteres, quando um mês atrás os guerreiros do "general" Niré gritaram seu ultimato.

Fon-korein

Reportagem de Caco Barcelos
Fotos Assis Hoffmann

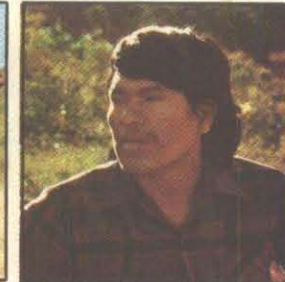
tun kaingang!

(Intrusos, fora da terra caingangue!)

Niré, chefe dos guerreiros



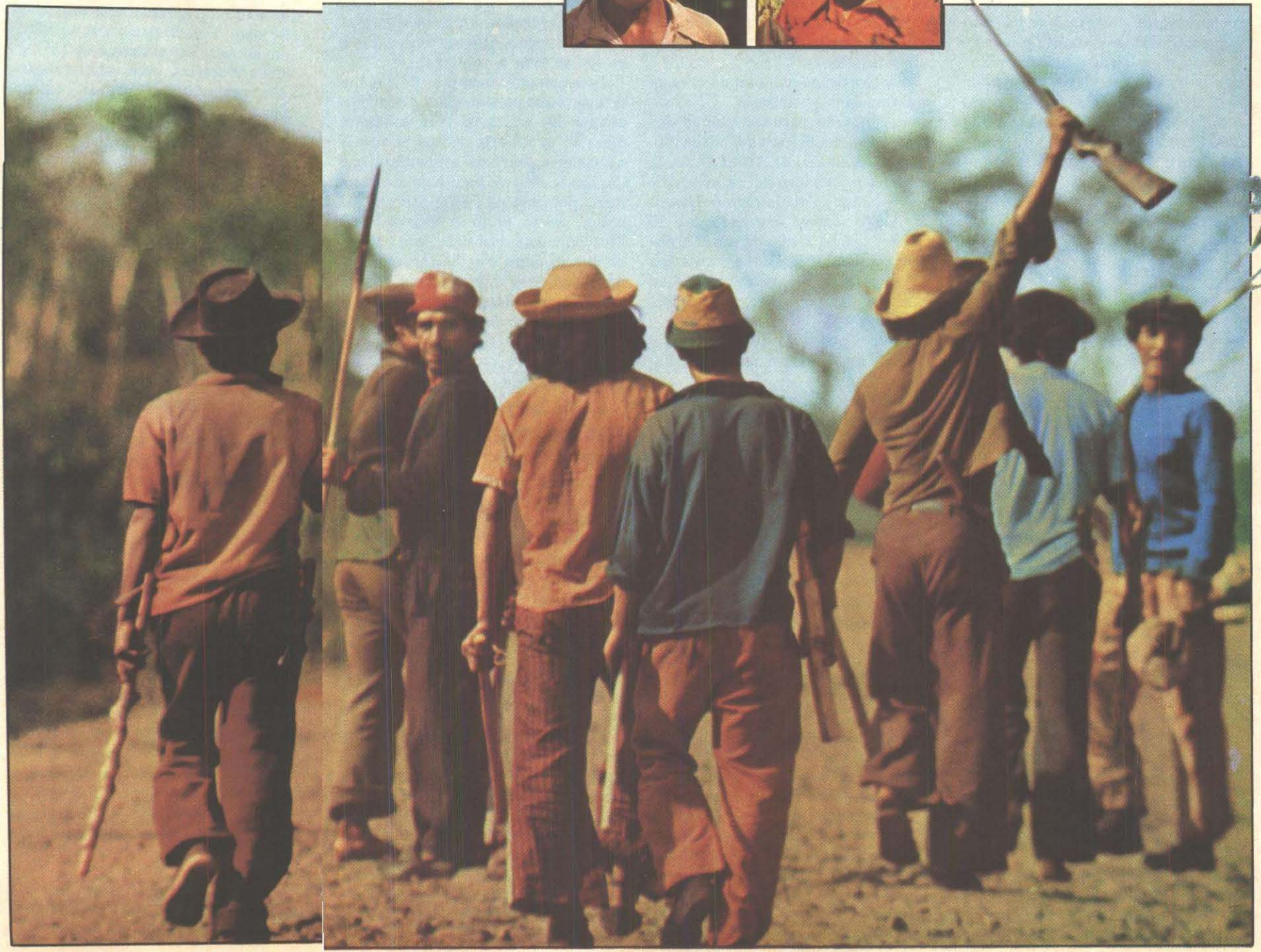
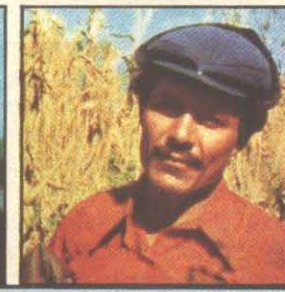
O cacique dos caingangues, Xangrê



Menfá, braço direito de Niré



Kacrê, assessor do cacique



Jamais existiu um exército tão frágil e pequeno como o de Niré: são 40 homens e 2 cachorros dorminhocos. As armas: porretes, facas de todos os tipos, foices, pedras, qualquer negócio. Toda a munição, 3 dúzias de flechas. E o que eles têm de mais sofisticado é uma espingarda de caça, com o cano enferrujado e o cão amarrado com borracha.

14 mil hectares, que por lei pertencem aos 2 mil caingangues do norte do Rio Grande do Sul, a 20 quilômetros da divisa de Santa Catarina. Os brancos também estão armados. Cada família tem pelo menos uma arma de fogo. Mas eles não sabem do plano de Niré, inacreditavelmente pretensioso.

- Não tem dia nem hora. Nós vamos atacar de surpresa.

Niré é o líder desse exército de índios voluntários. Com 28 anos, cego de um olho, nariz quebrado, é também o mais experiente. Os outros

À meia-noite, um assovio corre as vilas. É a senha.

aparentam menos idade e até hoje nunca lutaram com ninguém. Descalços, há mais de 48 horas sem comer e sem dormir, “estão em pé de guerra”, como diz Niré, orgulhoso de seus guerreiros.

Foram treinados para a guerra durante 4 meses, e agora Niré vai mostrar como está a pontaria do pessoal. O alvo – a espiga de um pé de milho – está a menos de 3 metros dos guerreiros. As 4 primeiras flechadas passaram longe, e as 3 duplas seguintes também erram. Por fim, Niré pega o arco para dar o exemplo. Mas não teve sorte...

As ameaças eram motivo de piadas para os colonos. Então, 7 escolas apareceram queimadas.

O ano de 78 é decisivo para a questão da “intrusão” nas terras dos caingangues. Até o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), o general Ismarth de Araújo Oliveira, recebeu relatórios dizendo que os caingangues não vão mais esperar pelas promessas feitas quando Geisel assumiu: “Até 1978 todas as terras indígenas estarão demarcadas. E não haverá mais brancos dentro delas”. Coisa que o Estatuto do Índio, feito em 1973, já previa.

Por isso, já na madrugada do primeiro do ano, Niré começou a organizar o seu exército e bolar um plano de ação. Como mora em Bananeiras – uma das 4 vilas da área indígena –, foi ali que surgiu o primeiro voluntário: Menfá, seu amigo de infância, também de 28 anos, desdentado, um companheiro inseparável. Viriam mais tarde os voluntários das outras 3 vilas da área: Pinhalzinho, Vila Alegre e a “Vila do Posto”, onde vive a autoridade da Funai.

A partir do dia 2, Niré e Menfá começaram a lutar. Ou melhor, iniciaram uma caminhada de mais de 4 meses, para falar com as 1.300 famílias

de intrusos. Foram de casa em casa, avisando que havia chegado a hora deles saírem dali. E mais:

– De agora em diante, é proibido plantar em nossas terras. Vocês ganharam muito às custas do índio. Então chega, cansamos de esperar. O prazo final é maio. Quem não sair será massacrado aqui dentro... Está bem entendido?

Os colonos, no entanto, não deram importância às ameaças. Uma semana antes do primeiro ataque dos índios, nenhum branco havia abandonado a região. E, 48 horas antes da revolta em Bananeiras, os avisos de Niré serviam de piada para o agricultor Alciro Tadeu Machado, há 12 anos intruso na área indígena. Ele discutiu durante 15 minutos com Niré:

Niré – Bom dia, seu Alciro. Vim aqui para dizer que o senhor tem que ir embora.

Alciro – Ah, mas quem foi que te mandou aqui? Isso é ordem da Funai?

Niré – Não. É ordem minha. Isso aqui é meu. Então quem manda sou eu.

Alciro – Desde quando índio é autoridade?

Niré – Desde já!

Alciro – Mas, bah! Então põe a farda, tchê!

O grito de guerra dos guerreiros é um breve assovio. Mas de boca em boca se transforma num sinal de até 1 minuto. À meia-noite do dia 4 de maio, ouviu-se aquele assoviar pelas 4 vilas de Cacique Nonoi. Era uma senha e anunciava um grande incêndio. Dois grupos de 10 homens colhiam palha de soja em Bananeiras e em Pinhalzinho, outra vila. A colheita seria colocada no porão de 7 escolas municipais dos brancos, destruídas pelo fogo nessa noite. Era o último aviso.

Os incêndios deixaram 300 filhos de intrusos sem escola, o que revoltou alguns colonos que prometeram vingança: destruir todas as enfermarias indígenas. Os prefeitos de Nonoi e Planalto, municípios abrangidos pela área indígena, chamaram a polícia. O

chefe do posto da Funai, Lídio Della Betta, pediria providências urgentes aos seus chefes de Brasília. Mas, para Niré, a destruição era necessária.

– Estavam nos duvidando. Esperamos demais pela Funai, pelo exército, pelo governo. Não queremos mais ajuda de ninguém. Faremos as coisas pelo nosso jeito, nem que isso cause a morte de toda a comunidade.

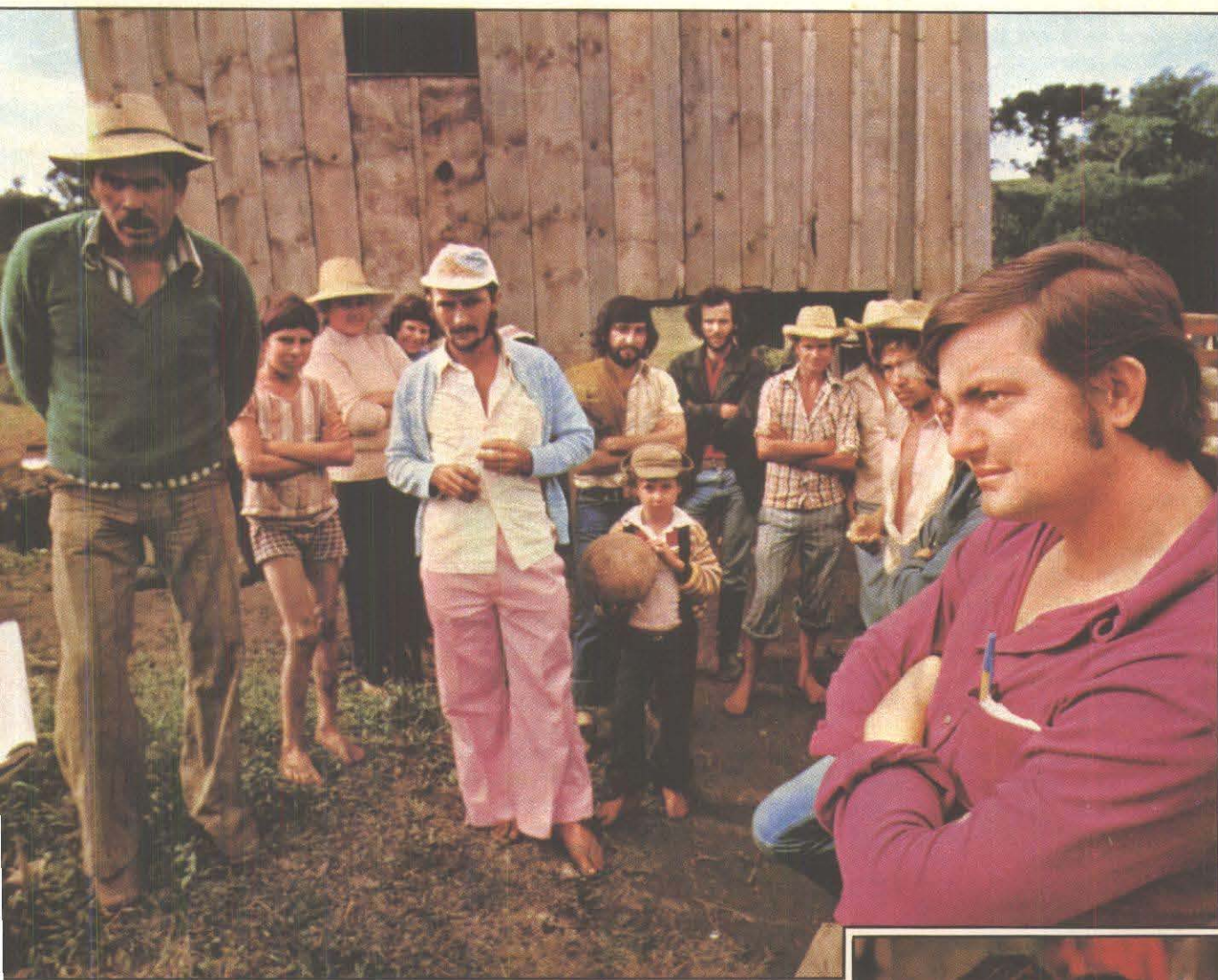
Estamos no amanhecer do dia 5, e os guerreiros prontos para o primeiro ataque. Os trajes de Niré e Menfá, que dão as últimas ordens na língua caingangue, também evidenciam que chegou a hora da luta. Nos dias normais, por exemplo, Niré usa chapéu preto, paletó preto e tênis Conga. Mas hoje está descalço, com camisa de manga curta e um cocar, com penas costuradas num saco plástico da Cristalçucar. Menfá também mudou. Feliz, mais sorridente do que de costume, vai à luta com o bonê da Copa.

Em 40, as estradas eram horríveis: só passava o caminhão da cachaça. E saía madeira de lei.

Quando os primeiros posseiros chegaram, em 1940, os índios eram donos de 34.908 hectares, conforme o demarcado pelo governo em 1911. A “intrusão” começaria estimulada por gente de todas as tendências, inclusive pelo futuro governador do Rio Grande do Sul, Amaral de Souza – informam os políticos da região. E atualmente o branco ocupa 70% da terra caingangue.

O período mais trágico foram as décadas de 40 e 60, como diz o padre Egidio Wethen, estudioso de assuntos indígenas e integrante do Conselho Indigenista Missionário, o Cimi:

– No ano de 49, o Decreto 658 tirou 19 mil hectares dos caingangues e os transformou em reserva florestal. Isso em outros termos significa o seguinte: o Estado é um posseiro oficial das terras dos índios.



A primeira grande invasão – cerca de 500 famílias – aconteceria no ano de 62. Em 69, nova “intrusão” de aproximadamente 600 famílias. Desta vez, porém, a Brigada Militar expulsou 400 famílias, e outras 200 se transformaram em “arrendatárias” da Funai. O problema continuava grave em 74. Os brancos se lembram:

– Morreram 10 naquele ano. Até que um dia chegou essa tal de brigada para apaziguar. Vieram de avião e descarregaram bombas de festim em cima da gente. Barbaridade, aquilo parecia bombardeio de cinema . . .

Como a maioria dos posseiros, o velho Fortunato Freitas era um “sem-terra” quando chegou a Nonoai, para trabalhar numa serraria dentro da área indígena. Veio de Carazinho (RS) com a família numa carreta. A viagem demorou uma semana. As estradas, em 1940, “eram horríveis: só passava o caminhão da cachaça”.

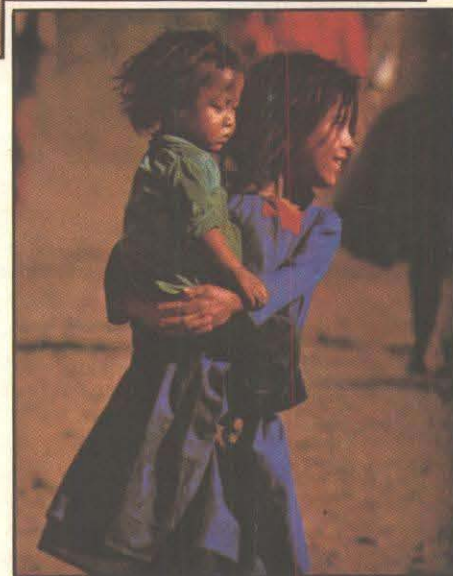
Trabalhando na serraria do comerciante Tissiani, Fortunato contribuiu para o desmatamento das terras dos índios. E como Tissiani desmatava autorizado pelos chefes de posto do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI), a serraria funcionou durante 15 anos. Ele diz que seus 2 patrões – Tissiani e mais tarde Júlio Renier Gasparotto – ficaram ricos comercializando a madeira dos índios.

Gasparotto tem documentos do governo que o autorizavam:

– Cortei mais de 4 mil árvores aí na área. É verdade, ganhei um bom dinheiro com a madeira, mas o SPI também: cobrava uma taxa pela produção.

Ele é o maior plantador de soja de Nonoai e está entre os 5 maiores exportadores do Estado. Continua com o comércio da madeira, embora a serraria, agora longe das terras dos índios, produza pouco.

segue ▶



Há pelo menos 10 mil índios no Sul do País, vivendo em 24 áreas para eles reservadas. Nonoai foi demarcada em 1911. Muitos brancos reconhecem que não têm razão. “Muita gente ficou rica à custa do índio”, diz um.

— A floresta foi acabando, não temos quase nada pra serrar. Agora o pinho virou coisa rara.

Os grandes serradores saíram, mas o desmatamento da área continua: em julho de 77 o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) embargou 93 metros cúbicos de madeira na serraria de Dillon Flores Pereira. O valor da mercadoria era de Cr\$ 13 mil, Dillon diz que estava autorizado pelo chefe do posto da Funai, Lídio Della Betta. E Lídio está autorizado a vender “madeira desvitalizada” pelo presidente da Funai, Ismarth de Araújo Oliveira, como demonstra a Portaria 269. E que ele assinou em julho de 76:

... *O presidente da Fundação Nacional do Índio, no uso de suas atribuições (...) resolve: Designar os servidores Lídio Della Betta, chefe do P.I. Nonoai, Ary Menegas, executor do projeto soja trigo, Luis Soja Emílio, monitor bilingüe, para sob a presidência do primeiro constituírem Comissão Permanente de Alienação de Madeira desvitalizada no P.I. Nonoai...*

O período de impunidade dos comerciantes de madeira, no entanto, está acabando. Eles figuram na “lista negra” do exército de Niré, como veremos mais adiante.

Dona Ondina chama Cristo contra os guerreiros. Os guerreiros expulsam a primeira família de Bananeiras.

A chegada de mais 20 voluntários de Vila Alegre resolveu um problema estratégico: a segurança de Bananeiras. Com um grupo na retaguarda, para proteger as mulheres e os filhos dos guerreiros, o exército de Niré partiu correndo para o primeiro ataque. Estão a 1 quilômetro de Bananeiras, na zona onde moram os posseiros mais antigos.

Num morro, a 200 metros da casa do velho Fortunato Freitas, eles se dividem em 4 grupos. O plano é avançar por trás e pela frente. Fortunato, de 75 anos, tem 10 filhos, todos adultos, mas parece que não há ninguém lá embaixo. O último índio que corria parou a menos de 30 metros de um galpão. Todos em silêncio, procuram um lugar para se protegerem. E alguns atiram-se no chão, quando surge “alguém armado” de dentro de uma latrina.

Engano dos guerreiros. Quem es-

tava na “patente” era Maria Ondina, mulher de Fortunato. Ela saiu correndo, com um rosário na mão, e na porta da casa continuou gritando, delirava como se assistisse a uma tragédia:

— Quais os nossos pecados, meu Senhor? Por que 2 mil índios querem invadir a casa de Cristo? Indiozinho do céu, não me mate! Por amor de Deus...

Durante alguns minutos os índios assistiram calados à choradeira. Depois Menfá tentou conversar com a mulher.

— Onde está o seu marido? Precisamos falar com ele.

Por alguns instantes, Ondina ficou em silêncio, embora Menfá insistisse. E, quando ele disse que levaria um porco para alimentar os guerreiros, começou a gritar novamente.

— Cristo, olha aí! Eles estão levando meu porquinho!

Perto dali, escondido sobre o pé de bergamota (tangerina), Fortunato via tudo. Mesmo depois que os índios foram embora, ele ficaria mais uma hora no esconderijo. Mas diz que não estava com medo: agiu assim para evitar o “derramamento de sangue”. Apesar de perder um porco (no valor de Cr\$ 4 mil), Fortunato acha que os índios estão certos, pois lutam pelo que é deles.

— Essa gente tem sofrido muito. Estou aqui há 38 anos e digo: muita gente ficou rica nas custas desses miseráveis.

Menos de duas horas depois, a família Strudes, que morava há 10 anos em Bananeiras, era a primeira a sair da área, com móveis, galinhas e porcos dentro de um caminhão basculante.

Niré está morto de sono, logo na noite em que os brancos prometem atacar. Situação difícil para um líder.

Os guerreiros ganharam tarde livre para jogar futebol no campo do Aimoré, ali na vila. Niré ficou descansando no acampamento, improvisado nos fundos de sua casa.

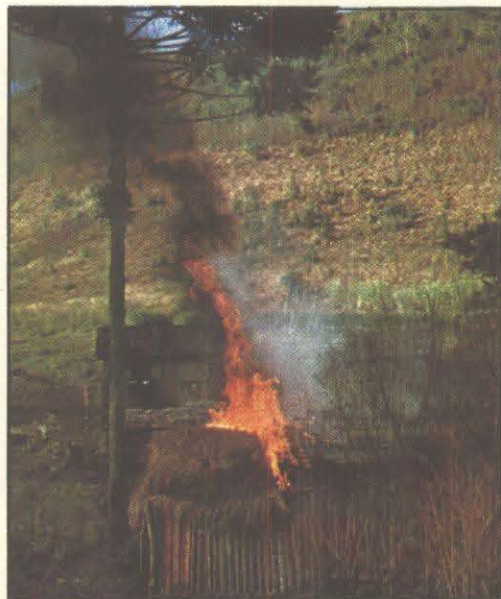
— Estamos fazendo tudo por nossa conta!

A verdade é que Niré jamais gostou de assumir muitos compromissos. Ele adora passear. Na roça, produz o suficiente para a comida e despesas da família: 5 sacos de soja, 3 de milho, 1 de feijão, mandioca e outros

produtos, que lhe dão lucro médio de Cr\$ 5 mil por ano.

Nasceu e morou até os 20 anos na área indígena de Ronda Alta, a 40 quilômetros de Nonoai, também dominada por posseiros, que acabariam expulsando-o de lá. Chegou em Bananeiras revoltado com isso. E, a partir daí, começou a trabalhar para unir os índios, única maneira de enfrentar os invasores.

Construiu para a família — mulher e duas filhas — um barraco a 300 metros de Bananeiras, que é uma vila típica de Nonoai: 16 casas padroniza-



O índio do Sul vive na área mais branca do País. É “o índio que descobriu o Brasil”: muitos têm TV em casa, lêem, viajam e, se for preciso, até vestem terno e gravata (há um, chamado Kretã, que se elegeu vereador em Mangueirinha, PR, com votos dos brancos). Mas em todas as reservas a conclusão é só uma: “É hora de agir”. O fogo da foto foi só um aviso, logo apagado. A PM interveio pela 2ª vez este ano.

das, escolinha e campo de futebol. E nesses dias a casa dele, sem assoalho, coberta de palha, virou acampamento e ponto de encontro.

Niré diz que organizou seu exército sem avisar o cacique dos caingangues, Xangrê, que vive a 4 quilômetros da Bananeiras, perto da "Vila do Posto".

– Não podíamos esperar a decisão do cacique, porque ele tem que dar explicações ao chefe da Funai. Vão ver: essa é uma revolta de toda a comunidade.

Na véspera do incêndio nas esco-

las, finalmente Niré e os guerreiros foram consultar o cacique. E ficaram um dia inteiro reunidos, discutindo. O cacique apoiou a idéia de Niré e desabafou num intervalo da reunião:

– Chegou a hora de agir!

Niré voltaria a Bananeiras com mais força. Agora, chefiar o exército caingangue era uma ordem do cacique. A partir daí, Niré ficou sem comer e sem dormir 70 horas. E está fraco e louco de sono, logo hoje que um grupo de brancos promete atacar Bananeiras, para se vingar.

Anoitece, e Niré seleciona os 20

homens que vão passar a noite escondidos no milharal, num raio de 500 metros em volta do acampamento. Combina uma senha, fala da "importância da estratégia", finalmente promete carne em fartura para o dia seguinte.

E, para os guerreiros que ficam, dá a seguinte ordem:

– É proibido falar. Hoje só o silêncio nos salvará do chumbo dos intrusos. Fiquem atentos.

Até meia-noite, todos obedeceram. Mas em seguida eles esqueceriam do combinado. Foi quando um guerreiro

segue ▶

“Indiozinho do céu, não me mate, por amor de Deus!”



descobriu um tatu, cavando uma toca no meio do acampamento.

– Peguei ele, peguei ele!

Perto dali, Niré disparava a espingarda pela primeira vez. Mas nada de grave acontecia. Não aconteceu nada de grave até a manhã seguinte.

– Era sono. Eu estava me apagando e aí dei aquele tiro para despertar os olhos. Mas não güentei muito tempo. Dei outro tiro, e não adiantou. Então eu tirei o cocar, deixei a espingarda de lado e dormi. Nem sei se o branco veio atacar. Não lembro de nada.

O plano de Niré era atacar os intrusos de manhã bem cedo. Mas, às 9 horas, ele e metade do exército continuavam dormindo. Quem o acordou foi Menfá, com más notícias.

– Vamos, Niré! Os intrusos estão organizando grupos lá no Erval!

Ele acordou meio irritado:

– Essa vida de líder não é boa, não! Não tenho mais tempo pra nada. Nem pra fazer uns agradados na patroa.

***Avançando no Erval:
os irmãos de sangue que
têm filhos mestiços
criam um problema
diplomático para Menfá.***

A notícia mudou os planos de Niré. Passou a chefia do exército a Menfá e vai organizar outro grupo em Pinhalzinho, a vila mais “intrusada” de Nonoai. Com a partida de Niré, um “assessor” de confiança do cacique, Kacrê, de 35 anos, passou a coordenar os 2 exércitos: o de Bananeiras e o de Pinhalzinho.

Na manhã do dia 8 de maio, quando o resto da imprensa e a polícia chegaram ao local da revolta, Kacrê assumiria mais uma função: a de relações-públicas dos guerreiros.

Soldado – Onde estão os rebeldes?

Kacrê – Sairam, mas voltam já, foram apanhar mandiocas no mato.

Sob a chefia de Menfá, os guerreiros haviam partido na direção do lugarejo de Porongo. Mas, depois de atacar 3 casas, mudaram de rumo. Voltaram ao acampamento – onde deixaram 2 porcos saqueados – e saíram de novo. Destino: Erval. Este ataque duraria 4 horas e seria o mais sofrido, como afirmaram os “correspondentes de guerra” da imprensa nacional. Um fotógrafo torceu o pé, e vários outros jornalistas – que subiram um morro correndo junto com os guerreiros – quase desmaiaram de cansaço. Os repórteres ficaram deita-

dos na grama, ofegando, mas os índios foram em frente.

O único grupo de intrusos que encontraram foi a família Ribeiro: Lílino, Nelo, Bi e Marcelino estavam conversando no meio de uma lavoura de milho. E fugiram. Depois de uma correria no mato, foram presos ao entrar na casa de Marcelino. Imediatamente, interrogados:

Menfá – Por que fugiram? Por quê?

Marcelino – Se assustemos, seu índio.

Menfá – Então saiam hoje mesmo. Procurem um caminhão, se arrumem!

Marcelino – Tudo certinho, mas queremos um prazo.

Menfá – Quem dá prazo é autoridade. Índio dá aviso.

Marcelino – Mas, seu índio, somos uns miseráveis, não temos onde cair morto.

Menfá – Está bem. Espero até amanhã, meio-dia. Mas, se não saírem, eu volto e levo aquela junta de boi ali. É só. Vamos embora!

À procura de armas e comida, os guerreiros invadiram mais de 15 casas, e todas as famílias aceitaram os ultimatos de forma submissa. Menos os “indianos”. Estes discutiram muito com Menfá. Como são *meio-branco e meio-índio* – em geral brancos casados com índias –, não querem sair dali. A história da índia Imoruam é comum na região do Erval, a 2 quilômetros de Bananeiras.

Imoruam – Eu sou índia, e a terra é minha.

Menfá – Você é índia, mas teu marido é branco. Você casou com o intruso, então tem que seguir com ele. Você é igual ao branco, você está acabando com a nossa raça.

Imoruam – E o meu pai? Ele também é índio, tem mais de 90 anos. E como fica o caso dele?

Menfá – Se ele ainda fala caingangue, então fica. Mas você não. Você esqueceu a nossa língua, não é mais nossa irmã. Seguinte: vamos levar as armas da casa, e acho bom que você desapareça, e bem depressa!

***Revolta no acampamento,
agora com a polícia.
Apreendidas todas as
armas que os guerreiros
“confiscaram” do branco.***

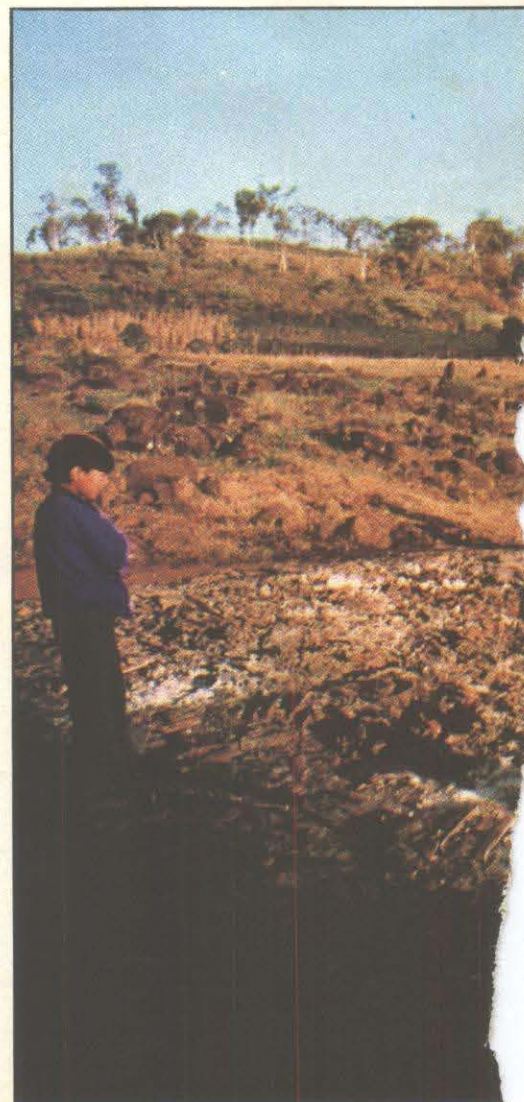
Os guerreiros voltaram entusiasmados do Erval. E o boato de que os brancos estavam se unindo, naquela região, era procedente: ali os índios

encontraram uma espingarda, duas pistolas e mais de 50 facas.

A euforia pelo bem sucedido ataque ao Erval durou pouco. Acabaria à tarde, com a chegada de 130 policiais do 7º Batalhão Militar, de Três Passos, a quase 100 quilômetros de distância. Os guerreiros ingênuos cercaram os 2 carros policiais, como sempre fazem, aliás, quando alguém pára na estrada de Bananeiras. Em menos de 5 minutos, uma dupla de PMs, portando metralhadoras, desarmou todo o exército de Menfá.

O comandante da “missão-

10% de



apaziguamento”, tenente Frank, distribuiu seus homens de modo a policiarem todos os acessos a Bananeiras. E lá os índios estão revoltados, agora, com a polícia. A comunidade cain-gangue “foi traída”, conforme disse o cacique Xangrê:

– Quem manda nessa terra é o índio, por isso os soldados não poderiam tirar as nossas armas. Isso tem que ser dito no rádio e na televisão. Sei que a Funai não quer divulgar nada, mas uma coisa eu garanto: continuaremos. Desta vez tiramos todos os intrusos daqui. Amanhã atacare-

mos Erval, novamente, e depois Porongo.

Olin, o comerciante que monopoliza a produção dos intrusos: “Absurdo! Se o branco for embora, o índio morre de fome!”

O segundo ataque a Erval causaria pânico nas famílias intrusas. E o seguinte, em Porongo, lugarejo de meia dúzia de casas, seria violento: terminou com 3 feridos: 1 índio e 2 bran-

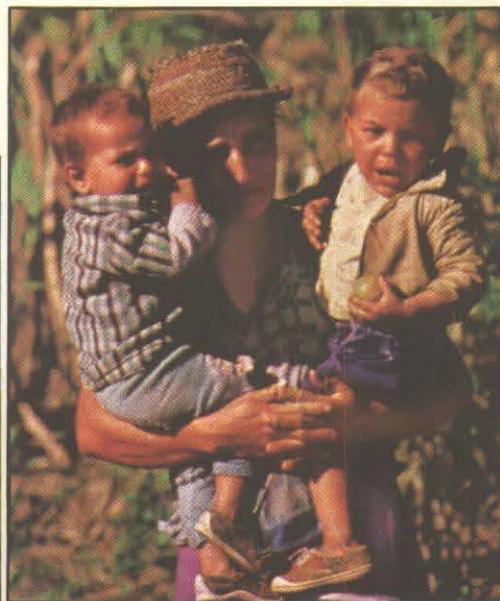
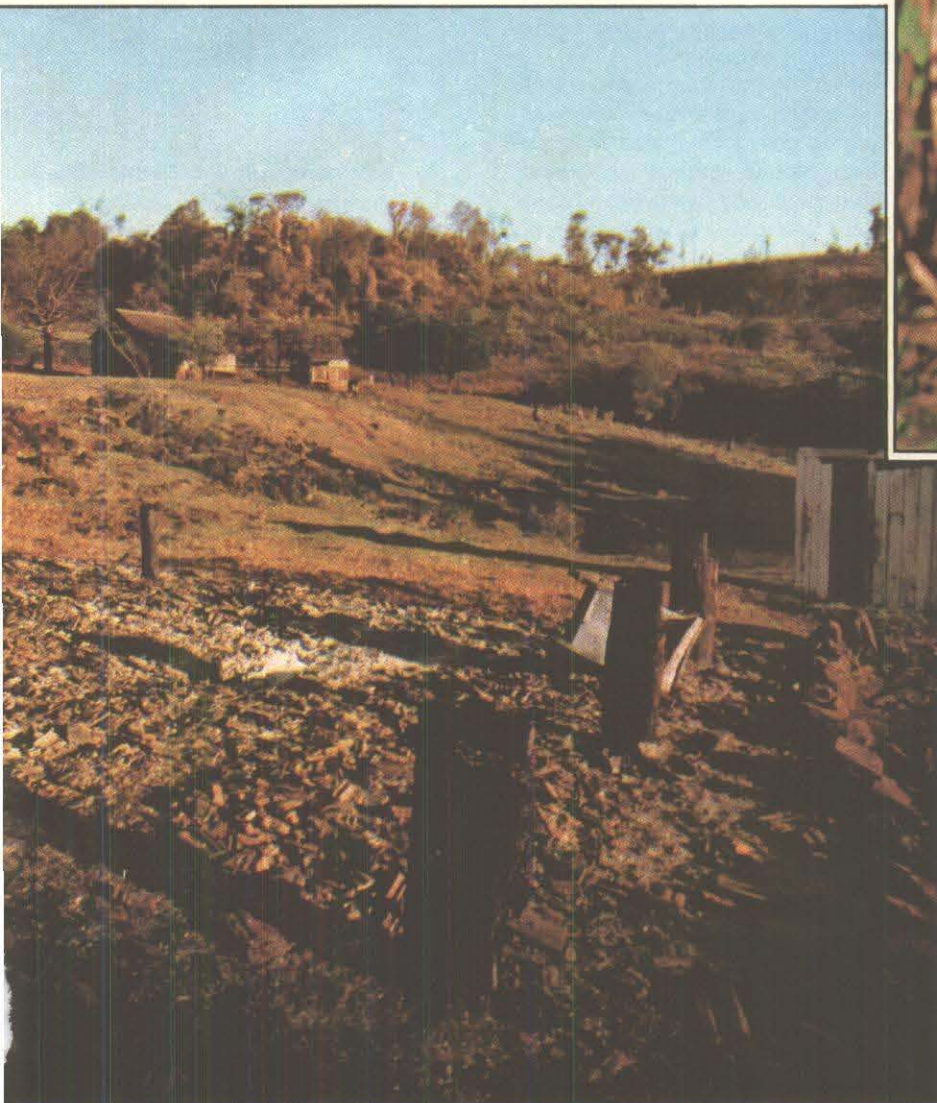
cos. Os colonos de Porongo – os maiores produtores da área indígena – tinham preparado uma proposta que, segundo Lindolfo da Luz, resolveria o problema da “intrusão”.

– É o seguinte: a gente continua plantando, e damos 10% do dinheiro da safra para os índios. Assim eles não precisam trabalhar nunca mais. Eu sei que isso é pouco pra quem já teve o Brasil inteiro. Mas, como também estamos na miséria, é o máximo que podemos oferecer.

Cada intruso, de Porongo produz em média 300 sacos de soja por ano e

segue

Os brancos propõem paz: tudo para os índios.



Uma das 7 escolas brancas queimadas para valer.

“Me dá pena”, diz o índio Kacrê, “mas eu me criei levando pontapé de intruso e nunca me lamentei.”

Os primeiros brancos partiram logo após o ataque de 5 de maio.

Em fevereiro, a polícia já havia expulsado 2 mil brancos de outra área próxima: a de Rio das Cobras.

200 de milho. E todos vendem a safra para Olin Bringuenthi, que monopoliza o comércio da produção na área indígena. Olin está apavorado com esses ataques. Ele tem um silo a 800 metros de Porongo, em Taquaruçuzinho, vilarejo fora da área indígena, com armazém, igreja, escolinha, bar e 20 casas. O comerciante diz que seu prejuízo será de Cr\$ 5 milhões, se os colonos saírem de Porongo.

No ano de 77, o município de Nonoai, com 40 mil habitantes, vendeu Cr\$ 190 milhões de soja, dos quais Cr\$ 170 milhões exportados. Segundo Bringuenthi, 30% da produção saiu das colônias dos intrusos. Por isso, é radicalmente contra a revolta de Bananeiras.

— É um absurdo: índio é vagabundo, não trabalha. Se o branco for embora, eles vão morrer de fome e de preguiça. Dizem que Taquaruçuzinho também é deles. Uma mentira. Eu só saio daqui depois que acabar minha última gota de sangue!

Apesar do desespero, Bringuenthi tem esperanças. Uma “autoridade” lhe disse que a Funai quer resolver a questão da “intrusão” sem expulsar os brancos de Nonoai. Ele tem razão. O presidente da Funai, Ismarth de Araújo Oliveira, de fato quer solucionar o problema daquela maneira, como escreveu no Ofício 085, enviado ao governador gaúcho, Sinval Guazzelli:

... Preocupa-me a situação de Nonoai. Trata-se de área extremamente intrusada, com diuturnas provocações do não-índio ao índio, e palco de freqüentes episódios de sangue. Detrás disso, tem-se prestado referida situação ao fomento de discórdia, por elementos de posição visceralmente antagônica ao governo, pondo-se em jogo, inclusive, a segurança interna.

Objetivando eliminar a tensão em Nonoai, é que ofereço sugestão no sentido de uma solução pronta ao problema (...) no âmbito do poder de decisão de V. Exa.: trata-se de remanejar os posseiros de Nonoai para parte da reserva florestal contígua à área indígena e área de disponibilidade estadual.

Se depender da vontade dos índios, a proposta não será aprovada.

— Eles querem é derrubar o nosso mato, ganhar dinheiro com o comércio da madeira. Ai depois eles plantam soja e põem o índio de empregado na lavoura. Mas desta vez não nos enganam. Estamos fortes e aten-

tos — diz o assessor do cacique, Kacrê.

Cada uma das 1.500 famílias custaria 60 mil cruzeiros ao governo, para ser transferida daqui. A Funai acha caro.

O exército de Niré e Menfá também não aceita o plano de paz dos 10% oferecidos pelos colonos de Porongo. E continuou avançando, desarmando intruso, invadindo casas. Estamos no dia 9 de maio.

Os comerciantes de Taquaruçuzinho organizaram um esquema para socorrer os apavorados e os feridos: um táxi de plantão no Bar da Amizade. Cenas de pânico às dúzias:

— Socorro! Eles estão matando meu filho!

É Servino Menengó, chegando. Correu mais de 6 quilômetros no mato para fugir dos índios. Chegou ao Bar da Amizade com a roupa esfarrapada. E a exemplo dos outros, depois de acalmar-se, contou o que acontecia em Porongo:

— Os índios enlouqueceram. Entraram na minha casa com os olhos arregalados e com meio metro de língua de fora. Minha mulher desmaiou. Consegui fugir pela janela dos fundos, mas teve um que veio agarrado no meu casaco até aqui pertinho!

Servino exagera, por conta do susto que passou. Seu filho não sofrera um arranhão. E é uma criança (pouco mais da metade dos 7.500 intrusos de Nonoai tem menos de 18 anos). Servino planta em 10 alqueires, tamanho médio das posses dos intrusos. Soja, feijão, para vender. O resto, mandioca e milho principalmente, para a própria subsistência. Possui uma junta de bois, para puxar a trilhadeira, 3 porcos e Cr\$ 6.700 em dinheiro escondido em casa. Servino está com medo que os índios peguem o dinheiro e, como todos os outros, se for tirado daqui, não sabe onde ir.

O governo, através de um grupo de trabalho, calculou quanto custaria levar os intrusos para outros locais (Pará, Mato Grosso, Rondônia): Cr\$ 90 milhões. Considerando o “vulto do dispêndio”, o presidente da Funai achou melhor “desaquecer a questão”. E, por determinação do ministro do Interior, a Funai busca hoje uma “fórmula de transferência parcelada dos sem-terra, de modo a minimizar custos”.

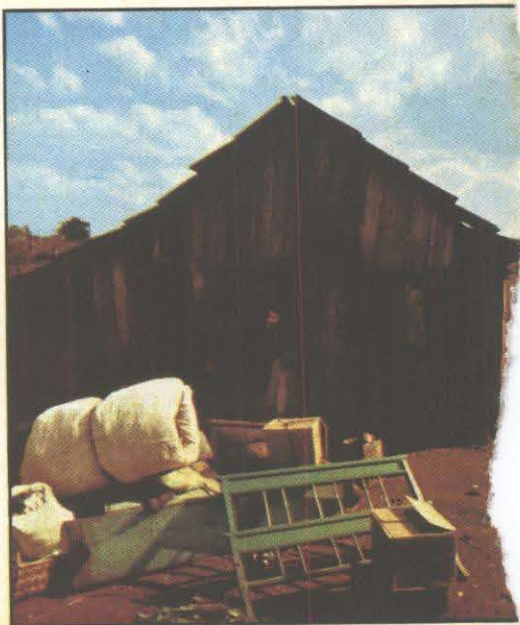
Os camioneiros também fizeram

ponto no Bar da Amizade. Nesta semana eles aumentaram o preço do frete *Área Indígena-Cidade Nonoai*, Cr\$ 300,00 para Cr\$ 500,00. Mas perderam muitos fregueses. Quase todas as 30 famílias que foram embora fizeram a mudança em carreta de bois, que faz o percurso em 7 horas; preço: Cr\$ 150,00.

Os índios dizem que nos próximos 2 meses, pelo menos, continuarão expulsando brancos. Os intrusos partem contrariados. A maioria concorda em sair, mas desde que, com ajuda do governo, continuem morando no pró-

Os índios: todos

Um porco de 4 mil cruzeiros “confiscado” pelos índios. Os brancos sem-terra, expulsos, sofrem ainda novo sacrifício: os donos de caminhões aumentaram o frete Área Indígena-Nonoai em 70%. “Qualquer buraco me serve, sendo grátis: Amazônia, Mato Grosso, Ceará”, diz um branco conformado.



prio Rio Grande do Sul. São raros os casos como o do viúvo Epaminondas da Silva, de 70 anos.

*Os guerreiros estão
confiantes com as
primeiras vitórias. Niré
não vê a hora de jogar
de novo um futebol.*

– Estou no fim da vida e não quero saber de briga. Qualquer buraco, sendo grátis, me serve. Amazônia, Mato Grosso, Ceará.

Como a maioria, Epaminondas

não tem muito que levar. Entre as 1.500 famílias intrusas, há apenas 42 tratores. Animais, há uma média de 7, apenas, por família.

Uma semana depois do primeiro aviso de que iam atacar, os guerreiros de Niré estavam confiantes. Era o dia 9 de maio. E muitos deles falavam como se já fossem vitoriosos.

Kacrê – Me dá pena quando vejo um colono partindo. Mas é a realidade. Eu me criei levando pontapé de intruso e nunca fiquei me lamentando. Preferi lutar pelo que é meu.

Menfá – Hoje eu perdi um guer-

reiro, o Mino. Mas não foi ferimento grave. A vitória desta manhã foi muito linda, pena que o Niré não participou.

Niré – Meu exército em Pinhalzinho está crescendo, e os intrusos desaparecendo. Estamos ganhando fácil. Hoje senti vontade de descansar numa grama, jogar futebol, mas não deu tempo . . .

Cacique Xangrê – Os graúdos da Funai sabem que fomos nós do Sul que descobrimos todos os problemas do índio no Brasil. Então a Funai treme o coração quando me vê.

fim ■

“Vamos expulsar
nos próximos 2 meses.”

